

PROCESSOS CRIATIVOS EM DANÇA CONTEMPORÂNEA: PRIMEIRA ETAPA DE ANÁLISE DE UM ESTUDO DE CASO COMPARATIVO

MARINA TIMM MEDEIROS¹; MARIA FONSECA FALKEMBACH²

¹Universidade Federal de Pelotas– marinatimm@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mariafalkembach@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem como tema a apresentação da primeira etapa de análise da pesquisa, realizado no desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, do curso de Dança Licenciatura. Este estudo evidencia o processo de criação em dança contemporânea, a partir da questão: como a dança contemporânea pode ou não dialogar com outros gêneros de dança em um processo criativo. Para tanto, foram elencados os processos de criação de dois coreógrafos que trabalham com a dança contemporânea e tem sua formação artística em outros gêneros de dança, ballet clássico e danças urbanas, são eles: Luciana Paludo e Eduardo Menezes, respectivamente.

A investigação foi iniciada a partir de reflexões suscitadas na disciplina de Projeto de Pesquisa em Dança, e teve continuidade na disciplina de TCC 1, quando foi apresentada a primeira parte do trabalho, isto é, a pesquisa de campo e primeiras reflexões acerca do tema. Sendo assim, este trabalho objetiva uma análise disparadora, evidenciando a trajetória dos dois coreógrafos.

Paralelamente ao planejamento das ações da pesquisa, foram estudados alguns autores que tratam sobre a dança contemporânea e processos de criação, tais como DANTAS (2005), DE SOUZA (2013), FURTADO (2013) e ROCHA (2016).

O foco deste texto é aliar a reflexão sobre a experiência dos coreógrafos, com os estudos e teorias, para analisar as diferenças no conceito de técnica, identificadas nas entrevistas.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem abordagem qualitativa e caracteriza-se como um estudo de caso comparativo. Gil (2008, p. 57) aponta que “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. Esta pesquisa se configura como um estudo de caso comparativo porque acredito ser processos diferentes e porque um pode ajudar a entender o processo do outro e vice-versa, em função das semelhanças e diferenças.

Ao elaborar o roteiro de entrevista, observei que para entender como se dava o processo criativo dos dois coreógrafos, os quais têm formação em dois diferentes gêneros de dança, precisava identificar como a técnica desses gêneros se fazia presente nos seus processos de criação e como esse conceito reverbera na prática criativa de cada coreógrafo.

As entrevistas foram elaboradas a partir de três perguntas, seguidas de outras duas, após assistir com o entrevistado um vídeo de um solo feito e executado pelos próprios coreógrafos bailarinos. Seguem as perguntas: 1) O que é técnica em dança; 2) quais as técnicas que tu identificas/percebe, que fazem

parte do teu corpo; 3) como essas técnicas compõe teu processo de criação; 4) ao assistir o vídeo, o que tu encontras de ballet clássico/danças urbanas na tua composição; 5) o que tu fazes é dança contemporânea? Por que?

A pesquisa de campo aconteceu entre os meses de maio e junho de 2018, nas cidades de Porto Alegre e Rio Grande. Em seguida, realizei a transcrição das duas entrevistas, gravadas em áudio, para proceder com a síntese e primeira etapa de análise.

Denomino essa primeira análise do material como análise disparadora, que se caracterizou pela identificação de diferenças e semelhanças na fala de cada um.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas entrevistas, destaquei palavras e frases que se repetem, dando relevância para a identificação do conceito de técnica na fala de cada coreógrafo. Sendo assim, através dessa primeira análise, identifiquei diferenças e semelhanças para a elaboração do conceito de técnica que cada coreógrafo traz.

Segundo a entrevista concedida, a coreógrafa Luciana Paludo denomina técnica como procedimentos repetíveis, quando explica que técnica “para mim é tudo aquilo que eu posso repetir e transformar” (PALUDO, 2018, p.1). Além disso, menciona que estratégias para ensinar também estão dentro do conceito de técnica. Ela comenta: “para mim a parte de procedimento técnico e artístico, ela está muito ligada com a docência, porque a medida que eu explico para os outros eu também reaprendo, e isso volta para mim em termos de técnica todos os dias” (PALUDO, 2018, p. 3).

Por outro lado, o coreógrafo Eduardo Menezes ressalta a importância de uma manutenção corporal do bailarino. Essa manutenção é a forma como é construída a técnica no corpo do bailarino, fazendo aulas e adquirindo habilidades, como explica Eduardo: “eu vejo técnica assim, uma manutenção pessoal do corpo, pra tu chegar em determinados lugares aonde tu quer chegar na dança” (MENEZES, 2018, p.1). Corroborando com a ideia de Eduardo, sobre a manutenção corporal ser uma forma de desenvolver habilidades na dança, Xavier (2011) afirma que

A construção do corpo que dança pode operar tanto a partir do aprendizado de uma técnica cujos movimentos provêm de um modelo pronto e codificado, quanto na escolha de um método ou caminho exclusivo para atender objetivos criativos únicos. Em ambos os casos, há o propósito de treinar para “ampliar as competências físicas e morais” do artista, pois o contemporâneo entende o treinamento como “abertura para o mundo, uma descoberta da plasticidade de si no trabalho de criação [...]” (XAVIER, 2011, p. 45)

Para além disso, observo que os dois sujeitos de pesquisa, com palavras diferentes, mencionam que existe técnica em toda ação artística, desde em uma caminhada até em um grande salto. Além disso, comentam que a experiência prévia da pessoa que se propõe a dançar, de alguma forma, também é técnica. Paludo comenta: “porque um caminhar mais frouxo, ele também requer técnica. Uma respiração, um jeito de olhar, ele requer, o que que ele requer, requer um exercício, um procedimento” (PALUDO, 2018, p. 2). Menezes, nesse mesmo sentido, explica que mesmo alguém que diz não saber dançar se move por meio de uma técnica: “a minha soma, com a minha técnica e o teu nada, a gente vai

chegar numa terceira coisa, que é a junção dessas duas, que também é técnica” (MENEZES, 2018, p.2). Tanto para esse caminhar simples, quanto para se mover de outra maneira, existe uma técnica, que faz parte das experiências já vividas.

Reforçando a ideia de experiência, assim como os dois coreógrafos, Xavier (2011) comenta que

A dança aqui compreendida como contemporânea tem vida na experiência e, sobretudo, existe no acontecimento. Está na ordem de um fazer que produz efeitos de estranhamento em relação ao familiar, da ação que gera deslocamentos, que suscita desvios, que provoca a percepção [...] pois tal dança não brota da aplicação de uma fórmula, receita ou lei qualquer, mas inventa-se como imprevisto que nos alcança e transforma (XAVIER, 2018, p.44).

Sendo assim, enxergo a ideia de que para qualquer movimentação na dança existe uma técnica, assim como refletem os dois coreógrafos. As técnicas se configuram como modos de fazer, caminhos para conseguir realizar movimentos na dança.

4. CONCLUSÕES

Ao realizar as duas entrevistas, pude perceber diferenças sobre o conceito de técnica para cada um dos dois coreógrafos. Após uma síntese das entrevistas, em uma primeira análise das explanações a cerca da dança contemporânea, observei distinções no trabalho de cada um dos entrevistados: o gênero de dança na formação de cada um, bem como o entendimento de técnica que cada um traz nas entrevistas. O que se torna repetitivo, denota certa importância. É possível identificar o quanto é importante a manutenção corporal para Menezes, enquanto que para Paludo o principal é a repetição e transformação de movimentos. Porém, há semelhança no pensamento dos dois sujeitos em um aspecto: a ideia de que a técnica acontece mesmo quando não se tem uma técnica de dança aprendida, ambos sujeitos defendem que em tudo que se faz, existe técnicas.

Tendo realizado a análise disparadora deste trabalho, a próxima etapa desta pesquisa que se configura como o Trabalho de Conclusão de Curso, é a de uma análise sobre o processo de criação em dança contemporânea, mas, especificamente, do processo de criação dos coreógrafos entrevistados, que utilizam da técnica para viabilizar os seus trabalhos em dança.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, Mônica. De que são feitos os dançarinos de" aquilo..." criação coreográfica e formação de intérpretes em dança contemporânea. **Movimento**, v. 11, n. 2, p. 31, 2005.

DE SOUZA, Paulo Henrique Alves. Dança contemporânea: Percepção, contradição e aproximação. **Pensar a Prática**, v. 16, n. 4, 2013.

FURTADO, Maria Tereza. DANÇAR-SE: processos de criação em dança contemporânea. **Cena em Movimento**, n. 3, 2013.



GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

JOSÉ, Ana Maria de São. **Dança contemporânea: um conceito possível?**. 2011.

LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. **Arte da composição: teatro do movimento**. LGE Editora, 2008.

MENEZES, Eduardo. Transcrição de entrevistas. Arquivo confidencial não publicado. (10 páginas) junho de 2018.

PALUDO, Luciana. Transcrição de entrevistas. Arquivo confidencial não publicado. (14 páginas) maio de 2018.

XAVIER, Jussara Janning. O QUE É A DANÇA CONTEMPORÂNEA? **O Teatro Transcende**, v. 16, n. 1, p. 35-48, 2011.